

CINEASTAS DIZEM

É preciso colocar na tela filmes feitos por mulheres



Cena do filme "Kalunga", de Lara Sousa



Gigliola Zacara interpretando "Cecilia" no filme "Nkwama"

A NECESSIDADE de se dar maior visibilidade ao cinema protagonizado por mulheres é uma visão consensual de quatro cineastas moçambicanas, Gigliola Zacara, Lara de Sousa, Yara Costa e Sónia André, que há dias se sentaram à mesa para discutir "A Mulher no Cinema Moçambicano Hoje".

No encontro virtual organizado pelo Maputo International Film Festival (MIFF), por ocasião do Dia da Mulher Moçambicana (7 de Abril), moderado pelo coordenador do MIFF Wilford Machili, estes rostos do cinema moçambicano no femi-

nino defenderam que a luta pela igualdade do género na sétima arte continua um grande desafio.

Gigliola Zacara, que ano passado venceu um concurso de curta-metragens promovido pelo Centro Cultural Moçambicano-Alemão (CCMA), com o filme "Nkwama", considera que um dos maiores obstáculos enfrentados pelas artistas no cinema está ligado à limitação no que respeita aos apoios financeiros.

A realizadora e atriz explica que esta situação resulta de um preconceito que faz delas incapazes de gerir fundos.

Defende que esta é a dificuldade que tem enfrentado no seu quotidiano enquanto directora do Centro de Recreação Artística, uma associação encabeçada por mulheres e baseada na cidade de Maputo.

A artista diz que desde cedo enfrentou muitos preconceitos para mostrar que a violência do género acontece de várias maneiras, como deixando ficar a ideia segundo a qual elas não são capazes de executar muitas tarefas.

Deu exemplo de si mesma para falar da discriminação sofrida quando, nalguns casos, não se tem em conta a sua for-

mação em Estatística e Gestão. "Há tendência de desqualificar a mulher mesmo que tenha formação superior", explicou, avançando que "quando ela aparece numa reunião a pedir um fundo sofre esta violência do género, porque não é considerada capaz de gerir muito dinheiro", continuou.

Gigliola Zacara avança que elas são, por vezes, colocadas num lugar que não as pertence, por considerar-se que estão sempre numa posição de vulnerabilidade. Na sua opinião, esta situação deve mudar. "Podemos puxar as outras que não são capazes para que consiga

chegar a este nível", esclareceu Gigliola, que considera ser necessário começar desenhar o futuro que se deseja de modo a evitar que as próximas gerações passem pelo mesmo sofrimento.

Segundo a actriz, uma das saídas é produzir filmes que contam histórias de mulheres na sua própria perspectiva e não na visão dos homens. É um percurso que passa pela academia, afinal a educação é a chave para quase todos os problemas.

"Temos que prover estes materiais para que elas possam batalhar pelos seus sonhos dentro do cinema", comentou.



Pensar um cinema que liberta



Lara Sousa

Contrariar a tendência

LARA de Sousa defende a necessidade de se contrariar o sistema já montado na sétima arte nacional, que coloca os homens à frente das mulheres em diversas perspectivas.

“Nós tentamos fazer cinema dentro de um sistema que é obviamente patriarcal. Os homens que nos antecederam terão sempre mais destaque, mas fazer filmes é a melhor luta que nós podemos ter, ocupando as telas”, disse.

A autora do filme “Kalunga” olha para o facto de não se poder ainda falar de uma verdadeira indústria do cinema no país como uma vantagem na luta pela inserção delas neste mercado ainda em construção.

“Dentro dessa ideia de que não existe uma indústria formada é, para mim, lindíssima, porque se eu penso que ainda não existe podemos ter uma opinião para dar e um braço a torcer na forma como ela vai se desenhar”, explicou.

Lara Sousa diz que o maior desafio do cinema moçambicano é colocar na tela os filmes destas realizadoras e, em concordância com Gigliola, considera que o foco deve ser a formação.

“Acho que vivemos um momento em que porque todos temos acesso ao telefone achamos que já temos um chão sólido sobre o qual com capacitação e

formação a gente vai lá”, continuou.

A fonte afirma que este é o ponto de partida de quem ambiciona participar na formação do novo panorama cinematográfico nacional, partilhando aquilo que aprendeu nos seus intercâmbios com os cineastas estrangeiros.

Tem a partilhar o seu pensamento sobre a ética e estética, sem deixar de lado a sua sensibilidade. “O cinema é lugar para quem tem imaginação, que nos emociona”, comentou.

Festival no feminino



Sónia André

Pensar um cinema que liberta

POR seu turno, a realizadora dos filmes “Entre Eu e Deus” e “Travessia”, Yara Costa, deixou ficar a visão de que a sétima arte pode ou devia ser usada para libertar a mulher, contrariando a lógica de opressão herdada do passado.

“É preciso ter muito cuidado, abertura, escuta e pensar na lógica do que estamos a fazer, já pré-existente, que são opressoras e não libertadoras”, comentou.

Esta é uma das formas por ela encontradas para revolucionar um espaço que parece reservado aos homens. “Acho que não adianta chegar e ocupar um espaço no cinema e não tentar desmontar a lógica machista na qual se baseia”, disse.

Avalia deste modo o desempenho de muitas fazedoras da política e defende que “não é para elas chegarem lá e repetir os mesmos erros dos homens, tentando ser mais homens que o homem e às vezes sendo pior até”.



Yara Costa

Costa avança ser necessário apostar numa sétima arte que não esteja distante da realidade, afinal cabe ao artista desmontar a perspectiva segundo a qual a mulher é obrigada a escolher uma coisa entre ser mãe e dona de casa.

“Se se permite deixar de ser mãe para fazer cinema então está tudo errado”, rematou.

A fonte explica que é possível a emancipação do género chegar ao nível de, como acontece em países como Argentina, haver muitas profissionais no audiovisual, em diferentes áreas de actuação.

A chave, segundo Yara Costa, está inteiramente na formação de mais fazedoras de cinematografia.

OS festivais de cinema podem ser uma das principais saídas para a emancipação da mulher cineasta, conforme opinou a realizadora Sónia André.

Navegando no provérbio segundo o qual “a união faz a força”, Sónia diz que as artistas devem anda de mãos dadas.

Sónia diz estas palavras depois de, com “À Espera”, juntou Lara Sousa, com “Kalunga”, e Gigliola Zacara, com “Nkwama”, no Festival de Cinema de Mulheres, em Cabo Verde, que decorreu por ocasião do seu mês internacional, Março.

“O nosso objectivo é agre-

gar mais, chegar mais, caminhar juntas e no lugar de nos dizerem que este espaço não é nosso dizermos que sim é nosso”, considera.

A realizadora também alinha na ideia de se criarem oportunidades de formação através de “workshops” para elas e ensinar mais mulheres a pegarem em câmaras e som.

“Seria um evento diferente do Kugoma, nosso, com a nossa cara, com o objectivo de trazer as meninas connosco. Aqui está o desafio, trazer o espaço que nos é negado, mas é nosso”, frisou.